

Humanism, hermeneutics, and the concept of the human subject

SASS, Louis A. **Humanism, hermeneutics, and the concept of the human subject.** *In* MESSER, Stanley B.; SASS, Louis A.; WOOLFOLK, Robert L. (Eds.) *Hermeneutics, and psychological theory: interpretive perspectives on personality, psychotherapy and psychopathology.* London: Rutgers University Press, 1988. c.8. p.222-271.

Fátima Niemeyer da Rocha¹

Universidade Severino Sombra, Centro de Ciências da Saúde,
Psicóloga, Mestre em História Social, Doutora em Psicologia,
fatimaniemeyer@uol.com.br

A presente resenha focaliza o estudo da subjetividade humana, no qual Sass compara as perspectivas da psicologia humanista e da hermenêutica ontológica de Heidegger, partindo de considerações sobre as afinidades e diferenças entre elas. A visão da hermenêutica de Heidegger da existência humana, segundo Sass, é oposta tanto à fenomenologia de Husserl como às posições de Sartre e da psicologia humanista, apontada pelo autor como a mais pura manifestação do tipo de humanismo contra o qual a hermenêutica ontológica se coloca. No entanto, a despeito de suas diferenças significativas, a psicologia humanista e a hermenêutica compartilham a rejeição ao objetivismo e ao cientificismo, ou seja, às metodologias positivistas e aos modelos mecanicistas. Sass assinala o compromisso de filósofos como Heidegger, Gadamer e Ricoeur com o desenvolvimento de uma alternativa para os métodos e modelos das ciências naturais, com a concepção de uma abordagem que respeite as características especiais da experiência e da ação humanas e com a sua libertação do positivismo, do mecanicismo e do reducionismo.

Nascido como uma reação às influências negativas da psicanálise e da psicologia behaviorista, o movimento humanista em psicologia produziu um profundo impacto na cultura contemporânea, influenciando as aspirações e a autoimagem das pessoas. O aspecto mais característico da psicologia humanista é a ênfase sobre o sujeito humano consciente; esta centralidade do sujeito é enfatizada em quatro pretensas qualidades:

- a) liberdade – a capacidade de escolha volitiva (o ser “proativo”), apontada como a característica distintiva e definidora da natureza humana e o objetivo da psicoterapia;
- b) singularidade – a individualidade essencial da pessoa; acentua ora a natureza essencialmente idiográfica da personalidade (como em Allport), ora as metas e valores pessoais (como em Bonner), ora a singularidade da experiência pessoal (como em Rogers), ora a noção de autoatualização (como em Maslow); enfatiza a necessidade de individuação do ser humano, para ser ele mesmo como pessoa, e identifica a liberdade e a autenticidade com a realização dessa individualidade;

- c) privacidade – a interioridade da realidade humana, o subjetivismo básico de toda experiência e a solidão do subjetivo (como em Bugental); todo conhecimento é, intrinsecamente, uma declaração acerca de nós mesmos e qualquer afirmação sobre o mundo (o ‘lá fora’) é, inevitavelmente, uma afirmação de nossa teoria acerca de nós mesmos (o ‘aqui dentro’); e o nosso comportamento no mundo é mais bem entendido a partir do ponto de vista interno do ator;
- d) autotransparência – a experiência imediatamente presente à consciência é a principal fonte de certeza e clareza sobre a existência humana.

A hermenêutica ontológica, por sua vez, adota uma posição diferente frente a cada um desses aspectos da subjetividade humana e, de acordo com Sass, enquanto a psicologia humanista foi influenciada pelas abordagens filosóficas de Dilthey, Husserl e Sartre, a tradição da hermenêutica ontológica desenvolveu-se como uma reação à influência desses mesmos filósofos. O pensamento hermenêutico heideggeriano objetiva libertar o homem da ilusão de ser o centro do universo experiencial, critica a tendência do pensamento moderno de superestimar o papel do sujeito consciente e rejeita a propensão humanística de conceber a consciência como um campo privado, interno, autotransparente e constitutivo.

Sass discute as diferenças entre a hermenêutica fenomenológica de Heidegger e a humanística “fenomenologia transcendental” de Husserl. A proposta husserliana objetiva um retorno “às coisas em si mesmas”, às coisas do mundo como diretamente dadas na experiência, a partir da redução eidética e da intuição fenomenológica, que revelam as características necessárias e intrínsecas do objeto da experiência e a existência do “ego transcendental”. Sass observa que Husserl salienta a prioridade do sujeito, uma primazia da subjetividade transcendental, e a suposição, implícita no seu método, de que a essência da consciência humana é primariamente manifesta em atos do conhecimento contemplativo, mais do que em ações. Ao que Heidegger argumenta ser a atividade comprometida o modo fundamental da existência humana; a cotidianidade, vivida pré-reflexivamente, é tanto a base primordial da qual derivam todos os outros modos, como a chave para entender todos os outros modos, e caracteriza-se por um vivo sentido de existência transparente do mundo – o “ser do ente”.

Heidegger, como destaca Sass, não opera uma separação real entre sujeito e objeto, entre o interno e o externo, entre a essência e a existência – homem e mundo estão fundidos indissolúvelmente pelos propósitos e atividades pelos quais sua realidade é constituída – e a natureza das coisas é determinada pelo seu lugar na rede de significados humanos, não podendo ser tratada como um mero objeto do conhecimento. Além disso, a experiência sempre envolve um “horizonte”, o contexto dentro do qual ocorre; esse caráter horizontal, marcado pela qualidade de encobrimento, é o mais importante aspecto da existência humana, por ser a condição de alguma coisa aparecer ou adquirir significado – é a “região primordial” onde o homem, ou qualquer aspecto de seu mundo, pode descobrir seu ser. Segundo Sass, Heidegger acredita que o *Dasein*, embora represente o modo mais fundamental de experiência no qual o “eu” penetra o mundo, conhece seu próprio ser apenas de uma maneira aproximada e indireta, dado que a experiência é um tipo de objeto intrinsecamente obscuro, que precisa ser interpretado para trazer à luz seu sentido oculto

e pode ser evocado somente por um modo de descrição aproximada e metafórica.

Ao referir-se à natureza pública do horizonte em Heidegger, Sass aponta para os contextos de significado – os horizontes – mediadores da consciência humana: os costumes e as instituições de uma dada cultura que canalizam e constituem a experiência humana. Heidegger rejeita a suposição husserliana de que uma certa consciência do *self* é dada *a priori*, para a discriminação dos outros ou a constituição de formas e práticas culturais. Tanto Heidegger quanto Gadamer e Ricoeur insistem na importância do papel do contexto compartilhado de interpretações históricas e culturais, cuja mais importante fonte de interpretações é a linguagem; adotam uma visão constitutiva da relação entre linguagem e experiência, dado que os contextos são de fato constituídos pela linguagem. Na hermenêutica ontológica, os seres humanos são constituídos por suas autointerpretações, que estão profundamente envolvidas nos atos públicos da linguagem, da cultura e da história. Nesse contexto, pondera Sass, a comunicação é considerada pela hermenêutica ontológica como um aspecto necessário, natural e constitutivo da existência humana e, diferentemente da posição humanista, o processo de compreensão do ser humano requer apenas a cuidadosa elucidação e interpretação das formas compartilhadas e objetivadas: pode-se compreender o outro compreendendo a perspectiva dentro da qual construiu seu ponto de vista.

A hermenêutica ontológica, segundo Sass, enfatiza a comunidade como anterior à individualidade e busca transcender os dualismos de mente versus matéria e de liberdade versus determinismo. Para Heidegger, uma existência autêntica deve incluir algum sentido de como alguém “projeta” a si mesmo enquanto “possibilidade”, sendo que a mais importante instância de “projeção” humana envolve transformações dos horizontes de si mesmo. A autenticidade é um modo de ser do *Dasein*, no qual simultaneamente aceita sua natureza social e seu enraizamento no passado, enquanto também se responsabiliza pelas opções que esses fatores permitem.

Concluindo o ensaio, Sass considera algumas implicações da hermenêutica na prática psicoterapêutica e na abordagem geral do conhecimento psicológico. A retirada do sujeito da consciência humana de seu lugar central deve promover uma maior conscientização do papel dos fatores históricos e culturais na constituição da experiência e do comportamento. A noção hermenêutica da não-transparência do horizonte da existência humana pode enfraquecer tanto a tendência de tomar a experiência do paciente em seu valor aparente quanto a concepção de que a verdade da experiência é pré-existente e determinada, residente no interior do inconsciente e aguardando para ser descoberta. A visão hermenêutica da percepção a vê como um processo exploratório e dialógico interpretativo, a partir do qual, na psicoterapia, paciente e terapeuta desempenham papéis análogos – cada qual num modo não-dogmático, buscando esclarecer significados que jazem, não na mente do paciente, mas nas ações e experiências relatadas. A hermenêutica encoraja os psicólogos a uma autocrítica, no sentido da consciência do valor e do perigo das pressuposições e de uma compreensão de que, embora o conhecimento possa nunca estar livre de valor, não é uma busca inocente da verdade.